

Considerações sobre a ciência nos escritos de Mikhail Bakhtin

Considerations about sciences in the writings of Mikhail Bakhtin

 Ludmila Kemiác

Resumo: Este artigo tem por objetivo discutir as reflexões tecidas sobre a ciência ao longo da obra de M. Bakhtin. Procuramos comparar a visão defendida sobre o domínio cognitivo, nos ensaios iniciais do teórico, com os questionamentos que se delineiam em seus últimos escritos. Defendemos, a partir de nossa leitura, que esses últimos escritos mostram uma preocupação de Bakhtin com o que poderíamos denominar como “questões libertárias da ciência”, isto é, uma preocupação em definir uma metodologia de análise do objeto que colocaria em destaque a personificação em oposição à coisificação, “libertando”, assim, esse objeto do mutismo em que uma só voz ecoa.

Palavras-chave: Domínio cognitivo. Método. Mikhail Bakhtin.

Abstract: This article aims to discuss the reflections on science throughout M. Bakhtin’s work. We try to compare the view defended on the cognitive domain, in the theorist’s initial essays, with the questions that are outlined in his latest writings. We defend, from our reading, that these last writings show a concern of Bakhtin with what we could call “libertarian questions of science”, that is, a concern to define a methodology of object analysis that would highlight the personification in opposition to objectification, thus “li-

Ludmila Kemiác. Professora de Língua portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Doutora em Linguística pela UFPB. E-mail: ludmila.kemiác@professor.ufcg.edu.br

berating” this object of silence in which a single voice echoes.

Keywords: Cognitive domain. Method. Mikhail Bakhtin.

Introdução

Os estudos do russo Mikhail Bakhtin, voltados para a literatura, devido à amplitude de questões que suscitam, e à impressionante capacidade de dialogar com diferentes conceitos de nossa cultura, têm influenciado investigações diversas e ancorado as mais variadas pesquisas no âmbito das ciências humanas. Várias publicações (AMORIM, 2004; BEMONG et al. 2015; BRAIT, 2005, 2008a, 2008b, 2016a, 2016b; BRANDIST, 2012; RIBEIRO e SACRAMENTO, 2010; FARACO, TEZZA e CASTRO, 2007; PONZIO, 2016) evidenciam essa influência.

Certamente, a visão defendida por Bakhtin, segundo a qual a cultura humana constitui uma totalidade, uma unidade sistemática valorativa (BAKHTIN, 2014) – visão essa que fundamenta o estudo do objeto estético na definição de sua singularidade em relação a outros domínios culturais – contribui para a abrangência das questões suscitadas pelo pensador russo.

No entanto, mais que suscitar questionamentos e influenciar estudos em diversas áreas disciplinares, essa visão de unidade cultural (ético, estético, cognitivo) presenteia-nos com reflexões pertinentes sobre a ciência, sobre o pensamento teórico. Nesse sentido, este artigo tem



por objetivo discutir essas reflexões tecidas sobre a ciência¹ ao longo da obra de M. Bakhtin. Procuramos comparar a visão defendida sobre o domínio cognitivo, nos ensaios iniciais do teórico, com os questionamentos que se delineiam em seus últimos escritos.

Pautamo-nos, aqui, por uma metodologia interpretativa da obra do pensador russo, considerando a linha temporal de publicação dos textos bakhtinianos. Assim, nossa análise recai inicialmente sobre os primeiros ensaios de Bakhtin – conhecidos como ensaios do “jovem Bakhtin” (FARACO, 2009) – (“O autor e a personagem na atividade estética”, “Para uma filosofia do ato” e “O problema do conteúdo, do material e da forma”). Em seguida, comparamos as reflexões tecidas, nesses ensaios iniciais, acerca do domínio cognitivo com a visão que o autor russo apresenta sobre as ciências humanas em seus últimos escritos (“Metodologia das ciências humanas” e “O problema do texto”).

Defendemos, a partir de nossa leitura, que esses últimos escritos mostram uma preocupação de Bakhtin com o que poderíamos denominar como “questões libertárias da ciência”, isto é, uma preocupação em definir uma metodologia de análise do objeto que colocaria em destaque a personificação em oposição à coisificação, “libertando” esse objeto do mutismo em que uma só voz ecoa.

No tópico a seguir, “O domínio cognitivo: primeiros textos”, analisaremos os ensaios *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 2010) e *O*

1. Destacamos que o conceito de “ciência” desenvolvido por Bakhtin amplia-se ao longo de seus escritos. Em seus textos iniciais, notadamente “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2003), “Para uma filosofia do ato” (BAKHTIN, 2010) e “O problema do conteúdo, do material e da forma” (BAKHTIN, 2014), o termo recobre o conceito de “domínio cognitivo”, entendido como atividade cognoscente sobre um objeto analisado – trata-se, pois, de um conceito que se aproxima do que entendemos tradicionalmente por “ciência”, considerando-se a influência neokatiana que pauta seus primeiros textos. Esse conceito é ampliado em seus escritos sobre as ciências humanas, a partir da compreensão de que a ciência deve também ser tomada como “diálogo”, como interação entre duas consciências – a consciência do pesquisador, que interroga, e a do pesquisado, que direciona as perguntas formuladas pelo primeiro.



autor e o herói na atividade estética (BAKHTIN, 2003). Esses textos, segundo Faraco (2009), são ensaios inacabados, nos quais vemos a intenção inicial de Bakhtin de construir o que Faraco (2009) denomina como “prima filosofia”: a crítica direcionada ao teoreticismo. Em seguida, nos tópicos “A ciência e a busca pela libertação do homem ‘coisificado’” e “As ciências humanas: objeto, método e instrumentos”, discutimos o projeto de libertar o objeto das ciências humanas (particularmente, os estudos literários) da coisificação pelo pesquisador. Por fim, apresentamos nossas considerações finais no último tópico.

O domínio cognitivo: primeiros textos

Neste tópico, segundo pontuamos acima, analisamos os ensaios *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 2010) e *O autor e o herói na atividade estética* (BAKHTIN, 2003). Neles, encontramos reflexões do pensador russo, a respeito da ciência, direcionadas em dois caminhos: a crítica ao teoreticismo e a definição do domínio cognitivo – em contraposição aos domínios ético e estético – como sendo um domínio que se instaura a partir do reinado de uma só consciência.

Por “crítica ao teoreticismo”, entende-se uma posição contrária não exatamente à teorização, ao pensamento teórico, mas ao fato de a teoria do conhecimento ter se tornado “o modelo para todas as teorias de todos os outros domínios da cultura” (BAKHTIN, 2003, p. 80-81).

Em *Para uma filosofia do ato* (BAKHTIN, 2010), Bakhtin reclama que a ciência tenta se passar pela vida: “o mundo como objeto de conhecimento teórico procura se fazer passar como o mundo como tal” (BAKHTIN, 2010, p. 50). Nesse ensaio, Bakhtin busca olhar o fazer estético e o ato no seu caráter de processo em devir. No ato, ao se olhar o processo, e não o ato já concluído, torna-se imperativo a percepção do



eu em relação ao outro como centros valorativos concretos, na arquitetura da vida (eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim). Assim, Bakhtin reclama a inserção do sujeito “alteritário” na estética e na ética: o sujeito que se constitui na relação com o outro – o sujeito portador de uma visão única do mundo, dentro de sua singularidade, e que, portanto, precisa doar essa visão, esse valor para o outro.

Ao distinguir os domínios ético, estético e cognitivo, no ensaio *O autor e o herói na atividade estética* (BAKHTIN, 2003), o filósofo argumenta que, no evento cognitivo, não há herói, nem em potencial. Nesse mesmo ensaio, defende a consciência gnosiológica como “uma consciência única e singular (ou melhor, uma consciência só)” (BAKHTIN, 2003, p. 81).

Em ensaios posteriores, particularmente os ensaios inacabados “O problema do texto”, “Apontamentos de 1970-1971”, “Metodologia das ciências humanas” – todos constantes da obra “Estética da criação verbal” (BAKHTIN, 2003) – o teórico parece relativizar as afirmações acima, ao abordar as especificidades das ciências humanas, como ciências do texto. Em “Metodologia das ciências humanas”, por exemplo, afirma que “O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2003, p. 395); e, ao contrapor as ciências exatas às ciências humanas, defende que aquelas estudam o outro como “coisa”, objeto mudo, ao passo que essas não se detêm sobre uma “coisa”, mas sobre outros discursos. No próximo tópico, comentaremos mais detalhadamente esses ensaios posteriores.

Por ora, é necessário sublinhar que, em “O autor e a personagem na atividade estética” (BAKHTIN, 2003), o teórico centra suas discussões sobre o processo de criação, mais exatamente a criação estética, mas, para isso, devido à sua visão unificada da cultura, precisa contrapor essa – a criação estética – à criação cognitiva e ao processo de vivencia-



mento ético. O processo de criar um mundo representado pressupõe duas consciências, no mínimo – autor e personagem, entendendo-se “consciência” como um saber-dever que se direciona a algo ou a alguém. Nesse sentido, o autor, na atividade estética, é uma consciência inacabada, que abarca outras consciências (a dos personagens), e tem o dever de, com seu ativismo, concluir essas consciências. As personagens são consciências que se movem eticamente, direcionam-se no mundo criado pelo autor. E, como consciências éticas, são impulsionadas pelo dever ético.

A consciência cognitiva não cria outra consciência (como na atividade estética), mas um objeto a ser estudado. Se fosse uma atividade voltada para a criação de outras consciências, teríamos personagens, sujeitos de suas vivências. A consciência cognitiva pode mover-se em direção ao “homem que fala” – para nos apropriarmos de uma expressão de Bakhtin utilizada no ensaio “O discurso no romance” (BAKHTIN, 2015) –, mas, no processo de criação de um mundo teórico, não opera com a vivência desse homem, pois precisa isolar elementos para estudá-lo; e, ao fazê-lo, não pode debruçar-se sobre ele como “homem integral”, unindo em um único plano sua imagem externa e interna.

Se entendidos o ato estético e o cognitivo como atos criativos – a criação de um mundo representado e a criação de um mundo teórico –, perceber-se-á que aquele precisa ser povoado por consciências (como representação da vida) e esse não: ainda que meu objeto de estudo seja o homem, esse homem não ocupa um lugar na existência, ele precisa ser “desgarrado” da existência para ser estudado, pois, nessa existência – em devir – ele seria inapreensível. Logo, não há personagem no evento cognitivo, pois esse evento instaura-se quando o outro é transformado em objeto. Retiro o outro do evento ético e o transformo em objeto de estudo. Nisso, reduzo o outro a partes, isolo o seu



ato do seu “todo”, dissocio a vivência do corpo, e, assim, ao fazer essa dissociação, é possível tratar de um ato eminentemente humano sem qualquer referência a um sujeito, como se o ato existisse por si só.

O mundo teórico, segundo Bakhtin, é o “mundo obtido por abstração do ato histórico responsável – individual” (BAKHTIN, 2010, p. 51). Nesse mundo, o existir é algo “dado”, concluso e completo (BAKHTIN, 2010, p. 52). A consciência gnosiológica, ademais, apresenta-se como consciência inacabada. Com efeito, tanto a consciência ética, quanto a estética (a do autor) são consciências inacabadas. Apenas a consciência da personagem, no domínio estético, possui acabamento.

O ato cognitivo caracteriza-se por se dissociar do ético: uma vez criada, uma teoria passa a existir independentemente do sujeito que a criou. Deve ser um constructo capaz de gerar novas asserções dentro de leis imanentes, das “regras” estabelecidas em um simbolismo que lhe é inerente. Como a teoria torna-se independente? Não preciso que Bakhtin esteja vivo enunciando o conceito de polifonia toda vez que alguém pretenda examinar uma obra de Dostoievski. A polifonia, pensada por um sujeito concreto, “desgarrou-se” desse sujeito. A teoria deve ser capaz de ser repetida inúmeras vezes. Eu, por outro lado, em minha vida, vivo a imanência do instante.

No entanto, destacamos que, conforme assevera Bakhtin, em “Para uma filosofia do ato” (BAKHTIN, 2010), a teoria deve ser pensada – e só o é por um sujeito único, preso à imanência do instante. É esse pensar que “move” a teoria, a atualiza, coloca-lhe novas questões. Amorim (2016) destaca a reflexão epistemológica presente em “Para uma filosofia do ato”, e afirma que o conhecimento verdadeiro, para Bakhtin, torna-se pleno se além de verdadeiro for incluído em um contexto com a participação concreta de um sujeito histórico. Assim, entende-se como a crítica de Bakhtin à abstração não se centra na criação de um objeto



abstrato, mas na não assunção do sujeito singular, único, que pensa e teoriza: um sujeito que, efetivamente, ocupa um lugar na existência.

De forma geral, nos primeiros textos de Bakhtin, conforme afirmamos anteriormente, o autor apresenta o domínio cognitivo como sendo aquele em que impera uma só consciência que objetifica, “coisifica” o outro, tirando-lhe a voz, de forma a transformá-lo em objeto de investigação. Todavia, encontramos Bakhtin, em textos posteriores, em busca de uma “saída” para esse reinado absoluto de uma só consciência do domínio cognitivo, que imprimiria, a esse domínio, um caráter de certa forma “autoritário” em demasia.

Bakhtin é conhecido como o “teórico do diálogo”, pensando-se o termo diálogo não na acepção de mera interação, mas diálogo como categoria capaz de libertar o eu de uma existência “muda” e, portanto, sem sentido. “Diálogo” também como aquilo que concilia, ou como tudo o que rompe o silêncio de um mundo em que “nada ecoa”, ou, ainda, um mundo em que, predominando uma só voz, paradoxalmente, “ninguém fala” (BAKHTIN, 2003).

No domínio estético, o teórico concebe o autor como uma consciência que domina outras consciências, que tem uma posição privilegiada. No entanto, busca aquilo que libertaria a consciência da personagem da soberania da consciência do autor. Encontra em Dostoiévski um recurso estilístico composicional através do qual a personagem ganha proeminência; recurso em que o autor não fala das personagens como se elas fossem um “ele”, mas como se fossem um “tu” para o autor. Formula, então, o conceito de polifonia.

Da mesma forma como a polifonia, na arte, liberta a personagem da soberania da consciência do autor, constituindo-se, pois, como um conceito que aqui denominamos como “libertário”, as ciências humanas, tomadas como ciências do texto, são, analogamente, pensadas



como uma forma “libertária” de pensamento. Nos três ensaios analisados a seguir – “Apontamentos de 1970-1971”; “Metodologia das ciências humanas”; “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” – constantes da obra “Estética da criação verbal” (BAKHTIN, 2003), Bakhtin, em anotações por vezes dispersas, inacabadas, mostra-se preocupado com essas “questões libertárias” dentro da ciência – isto é, centra seu pensamento em como romper o mutismo de um mundo em que só uma voz ecoa.

Nas “Notas” de “Estética da criação verbal”, Bezerra (2003) afirma, sobre o ensaio “O problema do texto...”, que esse ensaio data de 1959-1961, e que suas anotações “foram publicadas pela primeira vez sob o título ‘O problema do texto’ em Questões de literatura (1976, n. 10, publicação de V. V. Kojínov)” (BEZERRA, 2003, p. 450). Sobre “Metodologia das ciências humanas”, Bezerra (2003, p. 462) informa-nos que “o material dessas notas foi o pequeno texto esboçado pelo autor em fins dos anos 30 ou início dos anos 40”. Por último, “Apontamentos de 1970-1971” constitui “Extratos dos apontamentos feitos pelo autor quando morou de maio de 1970 a dezembro de 1971 na cidade de Klimóvsk nos arredores de Moscou” (BEZERRA, 2003, p. 458).

Castro (2007, p. 84), ao tratar dos textos constantes da obra “Estética da criação verbal”, e, particularmente, dos ensaios fragmentados aos quais nos referimos adiante, vê, neles, uma profusão temática que seria “consequência da inquietação epistemológica” causada pela concepção de linguagem do pensador russo. O autor (CASTRO, 2007) defende ainda que esses e outros textos de Bakhtin “revelam a unidade de interpretação teórica inconfundível do autor gerada pela sua visão de linguagem, que é a base de todo o seu processo interpretativo” (CASTRO, 2007, p. 84).



Abordamos, a seguir, as considerações de Bakhtin sobre as ciências humanas tecidas nos três ensaios supracitados. Defendemos a posição de que o teórico russo estabeleceu importantes reflexões sobre essa forma de conhecimento, mas, ao que nos parece, suas ideias parecem muito mais visar a um “ideal” do que deveria ser a ciência. Assim, na defesa desse ideal, há formulações que parecem desconsiderar que também as ciências exatas e naturais não são formas “naturais” (não mediatizadas) de um saber; são, antes, formas mediatizadas, “semiotizadas” como as ciências humanas o são (embora, obviamente, existam diferenças significativas na forma como ocorre essa “mediatização” do real). A insistência no texto, objeto semiótico, como dado primário das ciências humanas, pode levar o leitor a crer que as “outras ciências”, isto é, as ciências que não se valem do “texto” como dado primário não se utilizam de um sistema ordenado semiótico em sua constituição. Apresentamos essas e outras discussões a seguir.

A ciência e a busca pela libertação do homem “coisificado”

Um questionamento parece subjacente aos ensaios “Metodologia das ciências humanas” (MCH), “O problema do texto...” e “Apontamentos...”, nos momentos em que Bakhtin (2003) trata da ciência: O que poderia libertar a ciência do “mutismo” do objeto? Ou, ainda: O que pode libertar as ciências humanas, as ciências do espírito, que se debruçam sobre “o homem que fala” e se expressa, da “coisificação” que lhe é imposta pelo pesquisador? Acreditamos que uma palavra responde a esses questionamentos: o diálogo. E, se nos centrarmos no diálogo como elemento libertário do mutismo do objeto e da coisificação do homem, urge-nos entender, também, o que Bakhtin concebe como “sentido”, sendo essa palavra recorrente nos ensaios supracitados.



Em “Apontamentos”, Bakhtin (2003, p. 381) define “sentido”. Afirma: “Chamo sentidos às respostas a perguntas”. Argumenta ainda: “O sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afasta-se do diálogo” (BAKHTIN, 2003, p. 381). Essa definição de sentido como relação entre perguntas e respostas – isto é, sentido como diálogo – é fundamental para a inclusão do outro, para a assunção de que o sentido não nasce no “eu”, mas na interação entre o “eu” e o “outro”. Assim, afirma Bakhtin: “Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão somente a dois sentidos que se encontraram e se contactaram” (BAKHTIN, 2003, p. 382). A ideia de “diálogo” é vista, também, como uma metodologia que superaria o método dialético hegeliano (HEGEL, 2014). Na dialética, como se sabe, há a postulação de uma tese, uma proposição clara. Logo, porém, é instituída outra proposição, que nega a primeira (a negação). Há uma tensão entre as duas proposições, mas essa tensão é abolida por uma terceira proposição, a síntese, que supera as proposições antagônicas.

Para Bakhtin (2003), o método dialético “peca” ao não buscar a verdade nos diferentes pontos de vista, ao tentar “destruir” a verdade das diferentes proposições. O autor mostra a inadequação desse método, argumentando acerca do caráter “não absoluto” da ciência, pois nenhuma corrente científica, em sua visão, “é total, e nenhuma corrente se manteve em sua forma original e imutável” (BAKHTIN, 2003, p. 372). E advoga a favor da existência de múltiplas correntes científicas, que não devem se fundir, pois isso seria mortal para a ciência: a fusão de todas as correntes em uma só acabaria com o diálogo. Bakhtin defende, então, a cooperação, as “demarcações benevolentes” (BAKHTIN, 2003, p. 372), a cooperação. A partir das concepções de “sentido” como “diálogo”, Bakhtin passa a tratar das ciências humanas, vendo-as



como “ciências do espírito”, mas não como ciência de um só espírito e sim como ciências de “dois espíritos”, duas consciências. Questiona, porém, o fato de essa forma de conhecimento, muitas vezes, não considerar o outro, “coisificando”, reificando esse outro.

Bakhtin, em “Apontamentos...”, em “Metodologia das ciências humanas”, e, sobretudo, no ensaio “O problema do texto...” (BAKHTIN, 2003), distingue as ciências humanas e as ciências naturais e ou exatas não apenas com base no objeto de estudo – as ciências humanas teriam como objeto o texto, segundo discutiremos adiante –, mas também com base no tipo de relação que se dá entre o pesquisador e o “pesquisado”. Em “Apontamentos...”, apresenta três tipos de relações possíveis: relações entre objetos; relações entre o sujeito e o objeto; relações entre sujeitos.

É interessante observar que, para o filósofo russo, tudo existe como “relação”, tudo parece fazer parte de uma espécie de “diálogo”, ainda que estejamos nos situando no âmbito de “coisas” ou objetos inconscientes de si. Um fenômeno físico não existe só, existe em função de outro fenômeno, por exemplo. A esse respeito, Ponzio (2016, p. 53) assinala que a filosofia de Bakhtin “consiste em colocar em diálogo (...) esferas e âmbitos geralmente considerados separados: mundo humano e mundo natural; arte e vida; verbal e não verbal; gêneros literários e gêneros do falar cotidiano; ciências humanas e ciências naturais”.

Os três tipos de relações referidas acima ajudam-nos a compreender o objeto das diferentes ciências. Nas ciências exatas “puras”, na matemática, por exemplo, temos uma relação entre objetos – trata-se de relações lógicas. Obviamente, há um sujeito que constrói e pensa a teoria, mas, uma vez criada, estabelecidas as regras dentro de um sistema, as relações que ocorrem se dão entre os elementos desse sistema. Torna-se mais complexo, porém, entender o objeto das ciências



humanas, pois esse objeto pode ser estabelecido tanto como relação do primeiro tipo, quanto como relação do terceiro tipo. Vejamos:

Mas se as relações são despersonalizadas (entre enunciados e estilos no enfoque linguístico, etc.), passam para o primeiro tipo. Por outro lado, é possível a personificação de muitas relações objetificadas e a sua passagem para o terceiro tipo. *Coisificação e personificação*. (BAKHTIN, 2003, p. 374, destaques nossos).

As ciências humanas, afirma Bakhtin, em “Metodologia das ciências humanas” (BAKHTIN, 2003), debruçam-se sobre o homem como ser que se expressa, conforme afirmamos anteriormente. Assim, não poderíamos, a princípio, ter uma relação do primeiro tipo, mas do terceiro: o pesquisador, como consciência, que estuda outra consciência (o ser pesquisado). No entanto, não é incomum a reificação dessa segunda consciência, por exemplo: a crítica literária pode reduzir o estudo das consciências que compõem a obra (autor e herói) a relações causais.

Bakhtin (2003), no entanto, esclarece que certa “coisificação” é necessária e aceitável, desde que se respeitem os princípios metodológicos estabelecidos. Em “Metodologia das ciências humanas”, retoma o tema da coisificação e da personificação: trata a coisificação como conhecimento da coisa e a personificação como conhecimento do indivíduo (BAKHTIN, 2003, p. 393). Argumenta, ademais, que “A pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro” (BAKHTIN, 2003, p. 393), isto é, como “coisa” não existe em si, não tem vivência, pois nada em si mesmo e para si se vê como coisa. É o outro que me coisifica – até na coisificação, no apagamento do sujeito, Bakhtin vê a importância do outro. Essa coisa morta, segundo Bakhtin, “pode ser totalmente revelada por um ato unilateral do outro (o cognoscente)” (BAKHTIN, 2003, p. 392).



O teórico concebe as ciências exatas como ciências que tratam da coisa, sendo, por conseguinte, “uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda” (BAKHTIN, 2003, p. 400).

Em síntese, a coisificação é a destruição do outro como consciência, o apagamento dos sentidos (esses, reiteramos, como correlatos de “diálogo”) que a outra consciência produz. Trata-se da soberania de uma só consciência (a do pesquisador) que faz perguntas para si mesmo ou para um “terceiro” desencarnado. Os exemplos trazidos por Bakhtin são quase sempre exemplos de estudos da literatura, provavelmente devido às suas críticas tão frequentes ao formalismo russo. Assim, argumenta o autor que, ao estudar uma obra e buscar apenas a forma, coisifico a outra consciência que ali habita. Do mesmo modo, debruçar-se sobre uma obra literária e procurar explicações causais, mecânicas, ou tentar correlacionar o discurso literário à vida do autor-pessoa, silencia, destrói as vozes do autor-criador e do herói.

Mas, lembra Bakhtin que, da mesma forma como posso “coisificar”, posso, também, “personificar”. Como, então, personifica-se o objeto de estudo? Em “Metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2003, p. 394) ressalta que, na personificação, “o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível”. Este, portanto, é uma consciência ao lado da consciência do pesquisador. E assim sendo, torna-se o cognoscível, no limite, o “tu” do pesquisador. Há interação de horizontes – o horizonte do “cognoscente com o horizonte do cognoscível” (BAKHTIN, 2003, p. 394).

Adiante, Bakhtin começa a desenvolver uma interessante reflexão sobre o “tom” que subjaz ao horizonte do ser pesquisado. Considera que a personificação consiste em fazer “o meio material, que atua me-



canicamente sobre o indivíduo, começar a falar, isto é, descobrir nesse meio a palavra em potencial e o tom” (BAKHTIN, 2003, p. 404). Então, uma nova questão se coloca: o que seria esse “tom” e como deixá-lo “ressoar”, para assim personificarmos nosso objeto?

No mesmo ensaio, Bakhtin trata da realidade extracontextual. Tal realidade vincular-se-ia aos elementos da entonação que dialogizam o enunciado. Observemos o trecho abaixo:

Fenômenos do discurso como ordens, exigências, mandamentos, proibições, promessas (prometimentos), ameaças, elogios, censuras, ofensas, maldições, bênçãos, etc., constituem uma parte muito importante da realidade extracontextual. Todos eles estão vinculados a uma entonação acentuadamente expressa, capaz de deslocar-se (estender-se) a quaisquer palavras e expressões desprovidas de significado direto de ordens, ameaças, etc. (BAKHTIN, 2003, p. 403).

Essa “tonalidade” que ressoa nos diversos discursos, segundo Bakhtin, deslocadas das palavras, das expressões, determinam a tonalidade de nossa própria consciência, e “serve de contexto axiológico-emocional na nossa interpretação” (BAKHTIN, 2003, p. 403). É como se nossa consciência fosse repleta de tonalidades discursivas, de uma verdadeira “sinfonia” de discursos (discursos de bênçãos, de maldições, de elogios etc.). E, ao entrar em contato com um enunciado, ao ouvir as primeiras palavras, já descobrimos as notas da sinfonia que ora toca.

Ao nos debruçarmos sobre as explanações do teórico sobre o “tom” que ressoa nos discursos, entendemos a famosa citação de Bakhtin, presente no ensaio “Metodologia das ciências humanas”, segundo a qual em tudo ele ouviria “vozes” (“Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas”, p. 409-410). Chama-nos a atenção,



además, a constante referência a essas “notas”, essas “vozes” quase (ou totalmente?) musicadas nos textos de Bakhtin. No ensaio “O autor e o herói na atividade estética” (BAKHTIN, 2003), o filósofo apresenta uma profunda e complexa reflexão sobre o ritmo como elemento transgrediente de uma obra, vinculado ao desenvolvimento de uma temporalidade que prenuncia a mortalidade humana. Bakhtin parece ouvir “notas” ressoando nos diversos discursos, o que nos leva a uma suspeita (e, aqui, estamos lançando uma hipótese meramente especulativa) da presença de uma visão sinestésica – a visão de quem lê um romance e vê a música que o envolve, por exemplo. E, mais que isso, é necessário destacar que o autor não apenas ouvia essa “musicalidade de vozes” ressoando, mas, antes, ouvia *as vozes em constante diálogo*.

Ainda sobre a tonalidade dialogizada, em “Metodologia das ciências humanas”, Bakhtin (2003) argumenta acerca da importância das entonações mais substanciais, como algo pertencente a todo o “coro” de um grupo social. Vejamos:

O significado das exclamações axiológico-emocionais na vida discursiva dos povos. Contudo, a expressão das relações axiológico-emocionais pode não ser de índole explícito verbal mas, por assim dizer, de índole implícita na entonação. *As entonações mais substanciais e estáveis formam o fundo entonacional de um determinado grupo social (nação, classe social, grupo profissional, círculo, etc.).* (BAKHTIN, 2003, p. 406, destaque nosso).

O trecho acima, que versa sobre a entonação não como elemento verbal, mas *extracontextual*, vinculado estreitamente à vida social de um grupo, em muito nos lembra o ensaio de Volóchinov (2013) “Palavra na vida e palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica”, datado de 1926.



Nele, Volóchinov (2013, p. 77) expõe como a palavra “não se centra em si mesma”, pois “Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito”. Entre os elementos que compõem a situação extraverbal, confere destaque à entonação, afirmando que essa “estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 81). Apresenta o famoso exemplo da exclamação “Bem”, proferida por uma pessoa que se encontra juntamente com um conhecido e ambos estão entediados com a neve, e se debruça sobre a entonação dessa palavra tão simples. O trecho abaixo é bastante interessante, pois é a ele que, aparentemente, Bakhtin (2003) se remete em seu ensaio “Metodologia das ciências humanas”:

Quase qualquer entonação vivente de um discurso apaixonado transcorre na vida real como se mais além dos objetos e das coisas se direcionasse aos reais protagonistas da vida: lhe é própria, em alto grau, a tendência à personificação. Se a entonação não aparece atenuada, como em nosso exemplo, com certa dose de ironia, se aparece espontânea e direta, engendra uma imagem mítica, dá lugar a uma fórmula mágica, uma liturgia, como acontecia nas fases iniciais da cultura. Entretanto, em nosso caso, temos que comparar com um fenômeno de extraordinária importância na criação verbal: com a metáfora entonacional. A entonação soa como se a palavra desaprovava o inverno, causador real da última neve, como se fora um ser animado. (VOLÓCHINOV, 2013, p. 83-84).

Volóchinov (2013), ao apresentar sua concepção de entonação, sua importância na vida social dos grupos, interroga-se a quem, no exemplo fictício por ele fornecido, se destinaria a exclamação “Bem”, semanticamente quase nula. Argumenta que, nessa exclamação, o que



importa é a entonação que une os participantes, fazem-nos compreender a situação comum, e – é importante destacar – apresenta-se como uma verdadeira “metáfora” que personifica os seres “inanimados”: a neve, o mal tempo. Para Volóchinov (2013), é como se o participante que proferiu a exclamação falasse: “Ah que inverno tão obstinado, não quer ir embora, ainda que já seja hora” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 84). Mas, a enunciação se basta com o advérbio “bem”, devido à entonação da palavra. Esta, ressaltamos, personifica, ao mesmo tempo em que faz com que o segundo participante, o que ouve o outro dizer “Bem”, seja uma “testemunha” ou um “aliado” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 83). Ademais, inclui, no diálogo, um terceiro: a neve, o mal tempo etc.

Temos, aqui, palavras como “testemunha”, “terceiro”, “personificação” – palavras essas constantes no ensaio “Apontamentos...”, de Bakhtin (2003), que, a princípio, podem parecer “soltas”, mas, uma vez lidas em conjunto com toda a obra do Círculo, começam a fazer sentido: a personificação é um mecanismo interpretativo por meio do qual encontro os valores sociais, revestidos em entonações. Passo a ouvir as vozes, ou o coro de vozes que ecoam nos eventos. Se “coisificar” é tratar da coisa “muda”, silenciada, a coisa em que nada ressoa, personificar é ouvir os elos distantes de valores que revestem os enunciados, e que se tornam substanciais na vida de um grupo.

Apresentada, sumariamente, a concepção que Bakhtin tem da entonação ou do “tom” enquanto elemento extracontextual que dialogiza os discursos, podemos afirmar que personificar é encontrar esse fundo dialogizante por trás da mera materialidade. Por exemplo: posso descrever um anúncio publicitário como “coisa”, isto é, coisificando as vozes, as consciências que ali habitam, se, por exemplo, analiso apenas os verbos imperativos que constituem o enunciado; se descrevo a estrutura composicional de forma totalmente estrutural e estanque.



Mas, por outro lado, se vejo o “tom” da euforia capitalista que os verbos expressam, que as imagens, as cores representam; se vejo não apenas o “compre!”, o “venha!”, mas o “faça isso rápido”; o “tom” do trabalho incessante que não para, da vida que não respira; se entendo o fundo que dialogiza aquele discurso como um valor social – o valor do capital, do mercado e do consumo –, começo a ouvir as vozes que compõem o anúncio publicitário, vou além da forma, caminho em direção ao sentido, *personifico*.

É importante destacar que Bakhtin, em “Metodologia das ciências humanas” (2003, p. 400), trata “a coisa e o indivíduo (o sujeito) como limites do conhecimento”. Há, portanto, graus de coisificação e personificação. A personificação está para o sujeito, ao passo que a coisa está para a materialidade. Ocupam extremos. Todavia, independentemente de qual ponto nos situemos na coisificação ou na personificação, a avaliação é um momento indispensável, segundo o autor.

No ensaio “O problema do texto...”, o filósofo (BAKHTIN, 2003) apresenta de forma mais detalhada sua concepção das ciências humanas versus ciências exatas/naturais, ao tratar do texto como objeto daquelas ciências. Vejamos, no tópico apresentado a seguir, o que afirma o teórico.

As ciências humanas: objeto, método e instrumentos

Antes de apresentarmos as importantes questões desenvolvidas por Bakhtin (2003) no ensaio “O problema do texto...”, julgamos necessário debruçarmo-nos, ainda, brevemente, sobre o ensaio “Metodologia das ciências humanas”. Nele, o teórico afirma que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante”, e que “Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395). Repete duas vezes no ensaio o que seria



essa “não coincidência consigo”. Nas ciências exatas, segundo o autor, o objeto clama por identidade ($a = a$) – este é o limite da precisão. Já nas ciências humanas, “a formação do ser é uma formação livre” (BAKHTIN, 2003, p. 395). Trata-se de um ser que produz sentidos, e os sentidos não são estanques, não são sempre os mesmos.

No fim desse ensaio, o filósofo traz a questão do “grande tempo”, que não permite que nem mesmo os sentidos do passado possam ser estáveis – pois ressurgem sob nova forma. Assim, propondo que o sentido em devir constitua o objeto das ciências humanas, traça uma diferenciação entre a materialidade (o “objeto-coisa” das ciências exatas e naturais) e o sentido (o objeto das ciências humanas). O material é imutável, mas o sentido, sendo livre, sempre muda. Conforme Bakhtin: “Não se pode mudar o aspecto efetivamente material do passado, no entanto, o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado, porquanto é inacabável e não coincide consigo mesmo (ou é livre)” (BAKHTIN, 2003, p. 396).

Em “O problema do texto...” (BAKHTIN, 2003), ao definir seu conceito de “texto”, define, também, o objeto das ciências humanas como sendo justamente o texto. Neste ponto, vemos um problema na distinção que o autor faz entre as “ciências do texto” e aquelas que, na concepção do filósofo, seriam as ciências que não têm o texto como realidade imediata. Abordemos essa questão.

Inicialmente, Bakhtin é categórico: “O texto é a realidade imediata (...), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 307). O que seria, então, o “texto”? A priori, o autor define o texto, em sentido amplo, “como qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2003, p. 307). O texto é uma realidade não física, uma realidade semiotizada. Ao longo do ensaio, o autor vai detalhando



sua concepção de texto. Afirma que esse pode ser compreendido sob dois polos. O primeiro concerne àquilo que é passível de reprodução, o sistema sótico compreendido justamente como sistema (por exemplo, em um texto verbal, o primeiro polo corresponderia ao sistema gramatical, que pode sempre ser reproduzido).

Em um segundo polo, temos, no texto, aquilo que é individual, singular, único, irrepitível, vinculado à situação real concreta de enunciação, isto é, o texto como enunciado. O segundo polo, conforme o autor, “só se revela numa situação e na cadeia dos textos (...). Este polo não está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (os signos) mas a outros textos (singulares)” (BAKHTIN, 2003, p. 310). Teríamos, fazendo uma analogia às ideias desenvolvidas por Volóchinov (2017), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, o tema e a significação da língua. O primeiro polo seria a significação, ou o “potencial de significar” do sistema; o segundo polo do texto seria o tema – único, concreto, valorado.

Destacamos que, para Bakhtin (2003), o texto não compreende apenas o texto verbal, mas qualquer materialidade semiótica, que, em um plano apresenta um sistema sótico coerente, e, em um segundo plano ou “polo”, apresenta o sentido vinculado à situação enunciativa e à vida do texto na relação com outros textos. Nesse segundo polo, além de vincular-se dialogicamente a outros textos, o texto-enunciado tem um autor (BAKHTIN, 2003, p. 308), realizando uma intenção – a intenção desse autor – e pressupondo, sempre, no mínimo duas consciências, pois surge respondendo a algo, a outros textos e motivando uma atitude responsivo-ativa no leitor (o princípio do dialogismo).

Bakhtin (2003) afirma ainda que as diversas disciplinas das ciências humanas se dispõem sobre os dois polos do texto: “Entre esses dois polos se dispõem todas as possíveis disciplinas humanísticas,



oriundas do dado primário do texto” (BAKHTIN, 2003, p. 311). Ou seja, teorias estruturalistas, por exemplo, que se debruçam sobre a sintaxe ou qualquer outro aspecto do sistema da língua (pensando-se especificamente na Linguística), ocupariam o primeiro polo do texto, ao passo que teorias do discurso tenderiam a um segundo polo do texto.

O que nos incomoda na tese de Bakhtin é a ideia de que as ciências naturais e exatas teriam um objeto “não semiotizado”. O teórico afirma essa questão: “Se por trás do texto não há uma linguagem, este já não é um texto, mas um fenômeno das ciências naturais (...), por exemplo, um conjunto de gritos naturais e gemidos desprovidos de repetição linguística (semiótica)” (BAKHTIN, 2003, p. 309). Afirma ainda sobre as ciências humanas versus ciências naturais: “A ciência do espírito. O espírito (o meu e o do outro) não pode ser dado como coisa (objeto imediato das ciências naturais) mas apenas na *expressão semiótica*” (BAKHTIN, 2003, p. 310, destaque nosso).

Conceber que podemos ter um objeto de estudo não semiotizado implica a assunção de que o homem pode viver em um mundo puramente físico sem a mediação semiótica, e essa é uma ideia que aqui refutamos. Entendemos que todo objeto científico é simbólico e, portanto, semiotizado, pois os dados científicos “não são dados em qualquer observação casual ou em uma mera acumulação de dados sensoriais” (CASSIRER, 2012, p. 99). Cassirer – autor que exerceu certa influência sobre Bakhtin – afirma, no primeiro volume de sua *Filosofia das formas simbólicas* (CASSIRER, 2001, p. 30), que a ciência é essencialmente simbólica em sua constituição, operando sempre com um meio sígnico. Os conceitos de espaço e tempo, massa e força, matéria e energia com os quais a Física, por exemplo, opera constituem-se como um sistema de signos, progressivamente refinado a partir da linguagem (simbólica) da matemática, dos “signos de ordem” (CASSIRER, 2011) dessa última ciência.



Também a Biologia (uma ciência “natural”) igualmente não pode ser concebida como uma forma de pensamento que se direciona diretamente sobre um objeto não semiotizado, pois ao estudar um fenômeno (como “os gritos naturais gemidos desprovidos de repetição linguística”, para nos apropriarmos da expressão utilizada por Bakhtin, 2003), o faz através de uma teoria dedutiva, “que leva do meramente apreensível ao compreensível”, através de um novo instrumento do pensamento (CASSIRER, 2012, p. 353), de um “sistema de símbolos bem ordenados” (CASSIRER, 2012, p. 353).

De qualquer forma, a despeito da crítica aqui traçada, é preciso lembrar que, logo no começo do ensaio “O problema do texto...”, Bakhtin modaliza seu discurso, pois, para o teórico, entre as ciências humanas e as ciências naturais, não há “fronteiras absolutas, impenetráveis” (BAKHTIN, 2003, p. 307).

Finalmente, sobre a metodologia defendida por Bakhtin para o estudo do outro – o ser que se expressa por meio de textos –, destacamos o conceito, desenvolvido ainda nos seus primeiros escritos, de *exotopia*. Segundo Amorim (2004, p. 31), há, entre o pesquisador e o sujeito pesquisado um diálogo não simétrico: “devemos admitir que uma dissimetria de princípio entre o lugar do pesquisador e o lugar do outro é um limite que atravessa as diferentes possibilidades de diálogo”. Para “dialogar” com o outro, o sujeito da pesquisa, faz-se necessário, portanto, um olhar exotópico em direção a esse outro. Bakhtin (2003, p. 396), em “Metodologia das ciências humanas”, fala em “penetração mútua com manutenção da distância”, como possibilidade de encontro entre as duas consciências da pesquisa. Isto é, o pesquisador precisa tentar “ver” o que o seu outro olha, ter um excedente de visão em relação ao olhar do sujeito pesquisado. Nessa busca pelo olhar do outro, ocorre o encontro de dois contextos, de dois horizontes: o hori-

zonte do pesquisado e o horizonte daquele que interroga, e esse último horizonte abarca aquele.

Em “O problema do texto...”, Bakhtin (2003) defende a compreensão como processo interpretativo-metodológico próprio das ciências humanas, e mais uma vez, polariza os fenômenos da natureza (objeto das ciências naturais) e os fenômenos por ele considerados como “sígnicos” (objeto das ciências humanas), ao afirmar que nenhum fenômeno da natureza tem “significado”.

Para o filósofo, a compreensão é dialógica, ocorrendo, nela, o encontro de duas consciências. Em “Metodologia das ciências humanas”, afirma que a compreensão pode ser desmembrada em diferentes atos particulares (percepção psicofisiológica do signo, reconhecimento, compreensão do signo no contexto mais próximo e compreensão ativa e dialógica).

O teórico trata da compreensão em sentido geral, mas os atos acima descritos, sobretudo o terceiro e o último – inserção no contexto dialógico – podem ser também concebidos como etapas de uma investigação no âmbito de uma teoria dialógica do discurso. Dessa forma, julgamos que, no terceiro ato, quando o pesquisador busca compreender o texto, procura os significados valorativos, isto é, os valores semiotizados, e os remete aos valores mais substâncias – os elos mais distantes – e, também, aos valores mais atuais, projetados nas camadas mais “visíveis” do enunciado. cremos, ademais, que a busca por esses “elos mais distantes” leva-nos àquele fundo dialogizante, citado anteriormente, como etapa de uma personificação: isto é, o “tom”, a “entonação” que dialogiza o enunciado e que remete aos valores substanciais de determinado grupo social.



Considerações finais

Ao analisar diferentes ensaios nos quais Bakhtin tematiza ou comenta sobre a ciência, vimos como, em seus textos iniciais, o teórico define o domínio cognitivo em termos gerais (e em contraposição aos domínios ético e estético). Nesses textos, o domínio cognitivo é concebido como aquele que decorre do ato cognoscente, em que reina uma só consciência, pois o outro é, para essa consciência, um objeto – algo, portanto, inconsciente de si.

Segundo apresentamos nos tópicos acima, da mesma forma como o conceito de “polifonia” é desenvolvido pelo autor russo como um recurso capaz de “romper” o reinado da consciência do autor no domínio estético, as ciências humanas, enquanto ciências do texto, são, também, concebidas como aquelas que destituiriam o domínio de uma só consciência – a do pesquisador –, ao trazerem como correlato necessário do pesquisador que interroga, que questiona, o sentido, isto é, as respostas às questões.

Todavia, para que tenhamos, de fato, a destituição desse reinado de uma só consciência no domínio cognitivo, o meu objeto investigado deve ser tomado como consciência ou como fenômeno conscientizado. É preciso que eu escute as vozes que dialogizam o objeto, envolvendo-o em um coro, em uma sinfonia. É preciso, em suma, que eu o personifique, pensando-se a “personificação” como o correlato oposto à coisificação, conforme abordamos neste artigo.



Referências

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AMORIM, M. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 17-44.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2014, p. 13-70.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: editora 34, 2015, p. 19-241.

BEMONG, N. et al. *Bakhtin e o cronotopo: reflexões, aplicações, perspectivas*. Tradução Oziris Borges filho et al. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008a.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceito-chave*. São Paulo: Contexto, 2008b.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin e o círculo*. São Paulo: Contexto, 2016a.

- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2016b.
- BRANDIST, C. *Repensando o círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2012.
- BEZERRA, P. Notas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 423-468.
- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: Primeira parte. A linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASSIRER, E. *A filosofia das formas simbólicas: Terceira parte. Fenomenologia do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- CASTRO, G. de. *Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática*. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 81-96.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2016.
- RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (Orgs.). *Mikhail Bakhtin: Linguagem, cultura e mídia*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.
- VOLÓCHINOV, V. N. Palavra na vida e na palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica (1926). In: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013, p. 71-100.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: editora 34, 2017.

Recebido em: 02/08/2022

Aprovado em: 31/10/2022

Licenciado por

